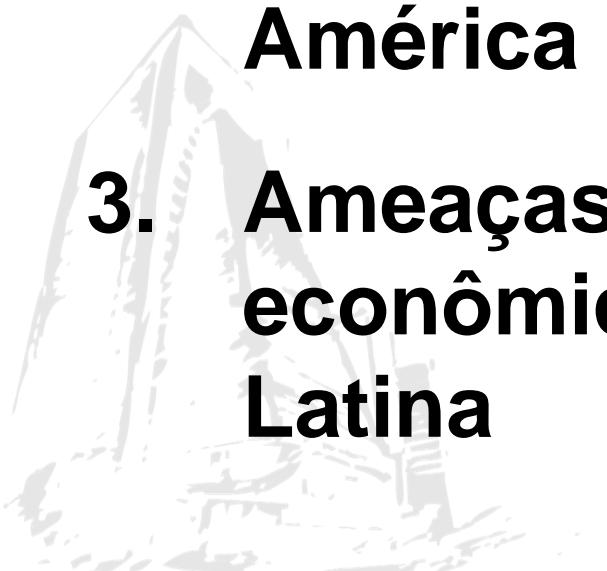


DECOMTEC - Departamento de
Competitividade e Tecnologia

2012: EXPECTATIVAS PARA UM ANO DE CRISE ECONÔMICA MUNDIAL

José Ricardo Roriz Coelho

Abril de 2012

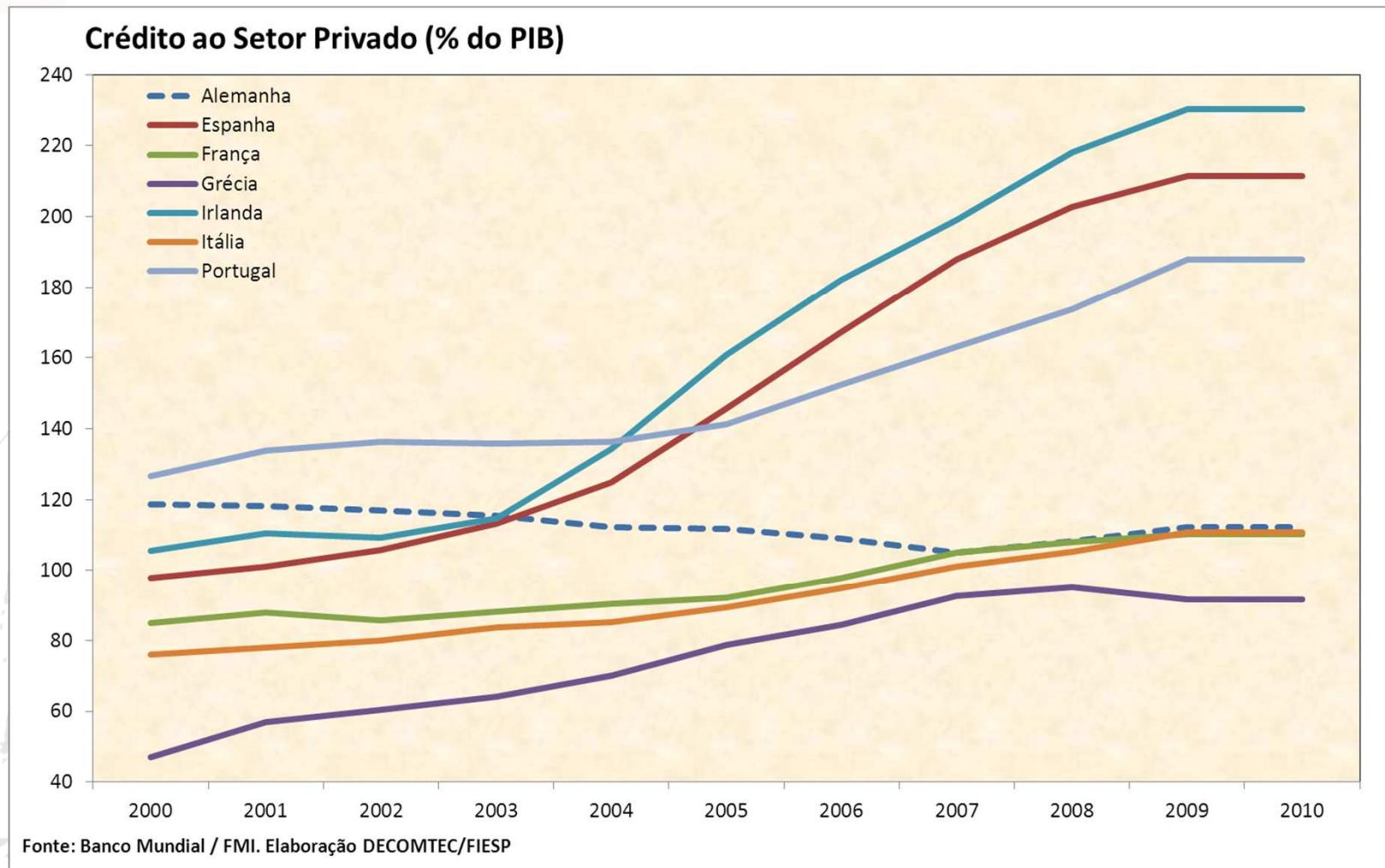
- 
- 1. A crise econômica dos países desenvolvidos e consequências para o crescimento mundial**
 - 2. Os efeitos da crise no Brasil e na América Latina**
 - 3. Ameaças à retomada no crescimento econômico brasileiro e na América Latina**

- 
- 1. A crise econômica dos países desenvolvidos e consequências para o crescimento mundial**
 - 2. Os efeitos da crise no Brasil e na América Latina**
 - 3. Ameaças à retomada no crescimento econômico brasileiro e na América Latina**

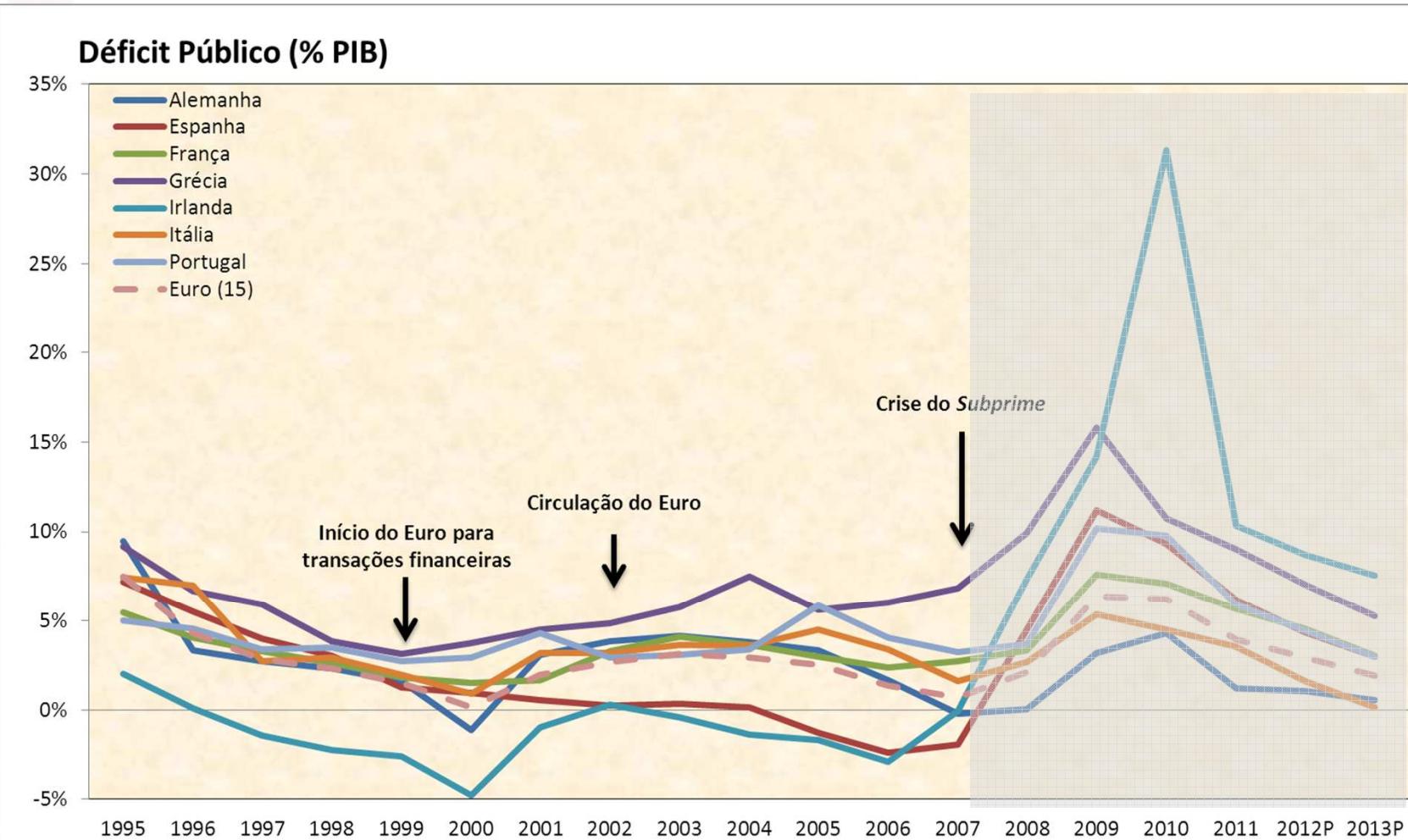
- Agravamento dos problemas fiscais na Europa, afetando a demanda interna e o crescimento econômico
- Relativa estagnação da demanda nos EUA e Japão, resultando em baixo crescimento econômico

Antecedentes da crise na Zona do Euro

A unificação monetária uniformizou as taxas de juros na Zona do Euro em patamar idêntico ao da Alemanha, incentivando o endividamento privado nos demais países.



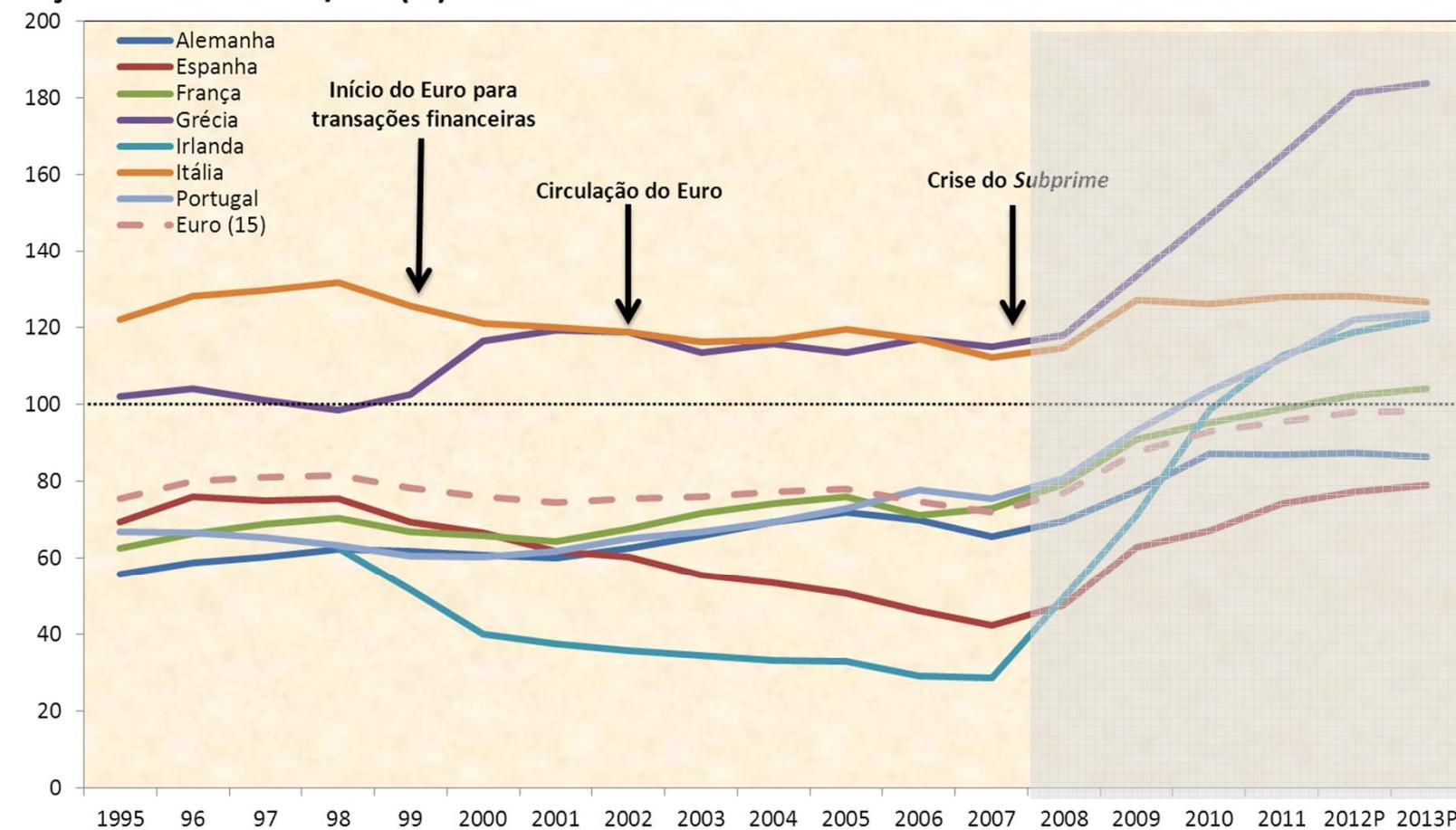
Após a crise financeira internacional, para evitar uma forte contração da atividade econômica, os governos aumentaram gastos, agravando desequilíbrio das finanças públicas



Fonte: OCDE. Elaboração DECOMTEC/FIESP

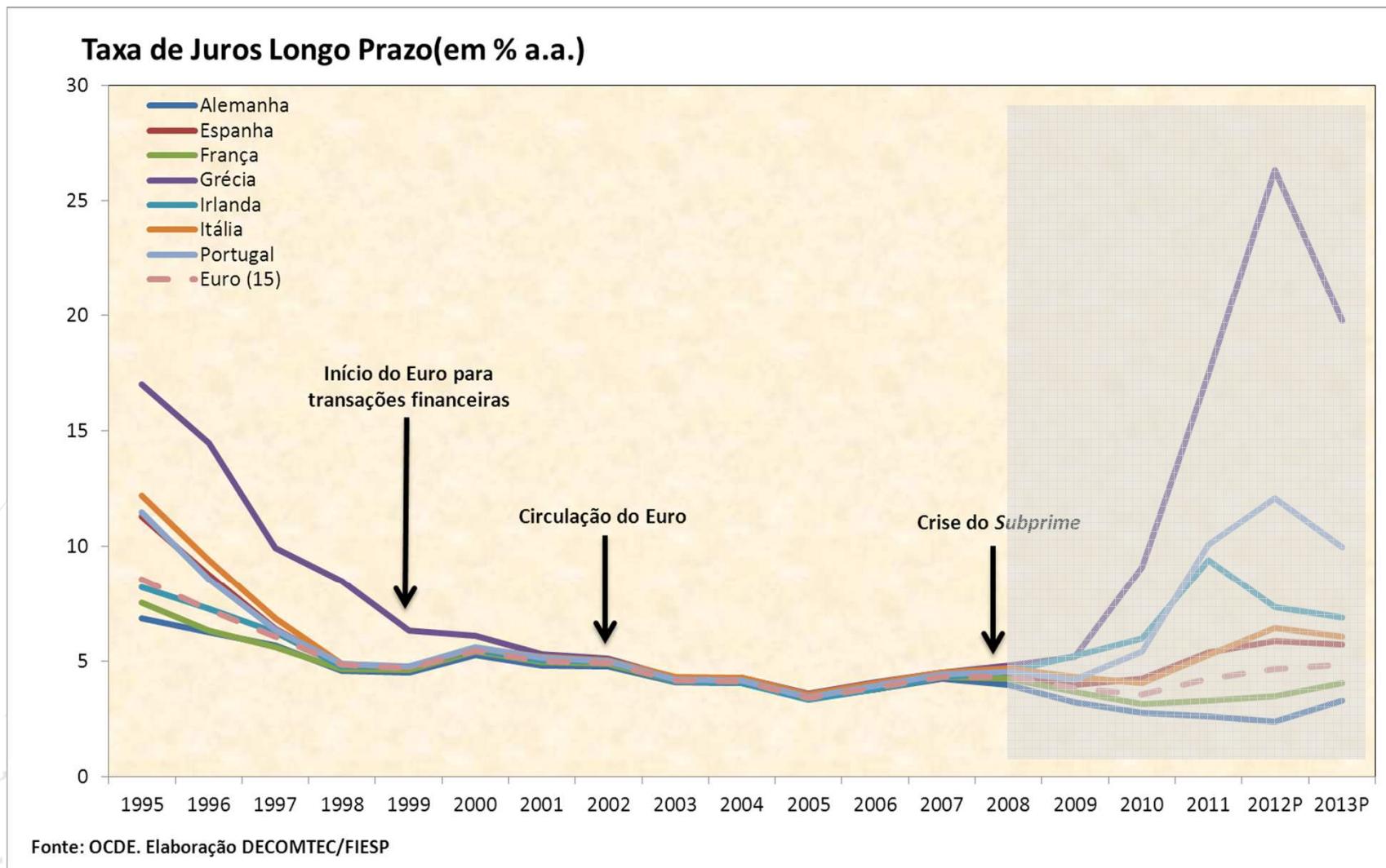
O endividamento na Zona do Euro aumentou, sobretudo em determinados países como Irlanda e Grécia, onde atingiu patamar insustentável

Relação Dívida Pública/PIB (%)



Fonte: OCDE. Elaboração DECOMTEC/FIESP

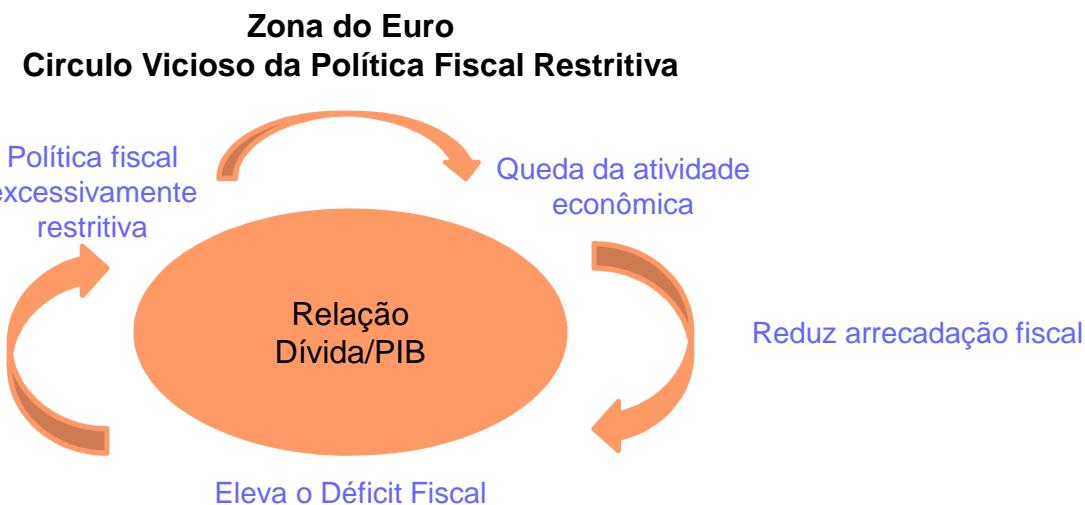
A dívida pública elevada afetou as expectativas do mercado, contribuindo para a alta do risco soberano, causando o descolamento dos juros nas economias mais debilitadas



Procurando reduzir o déficit público e evitar insolvência, os países mais afetados pela crise passaram a adotar políticas fiscais restritivas, impactando o crescimento econômico da região

A elevação dos gastos tornou a dívida pública não gerenciável para diversas economias da Zona do Euro que, com o agravamento do risco soberano, e sem a possibilidade de executarem políticas monetárias, adotaram a partir daí políticas fiscais mais restritivas.

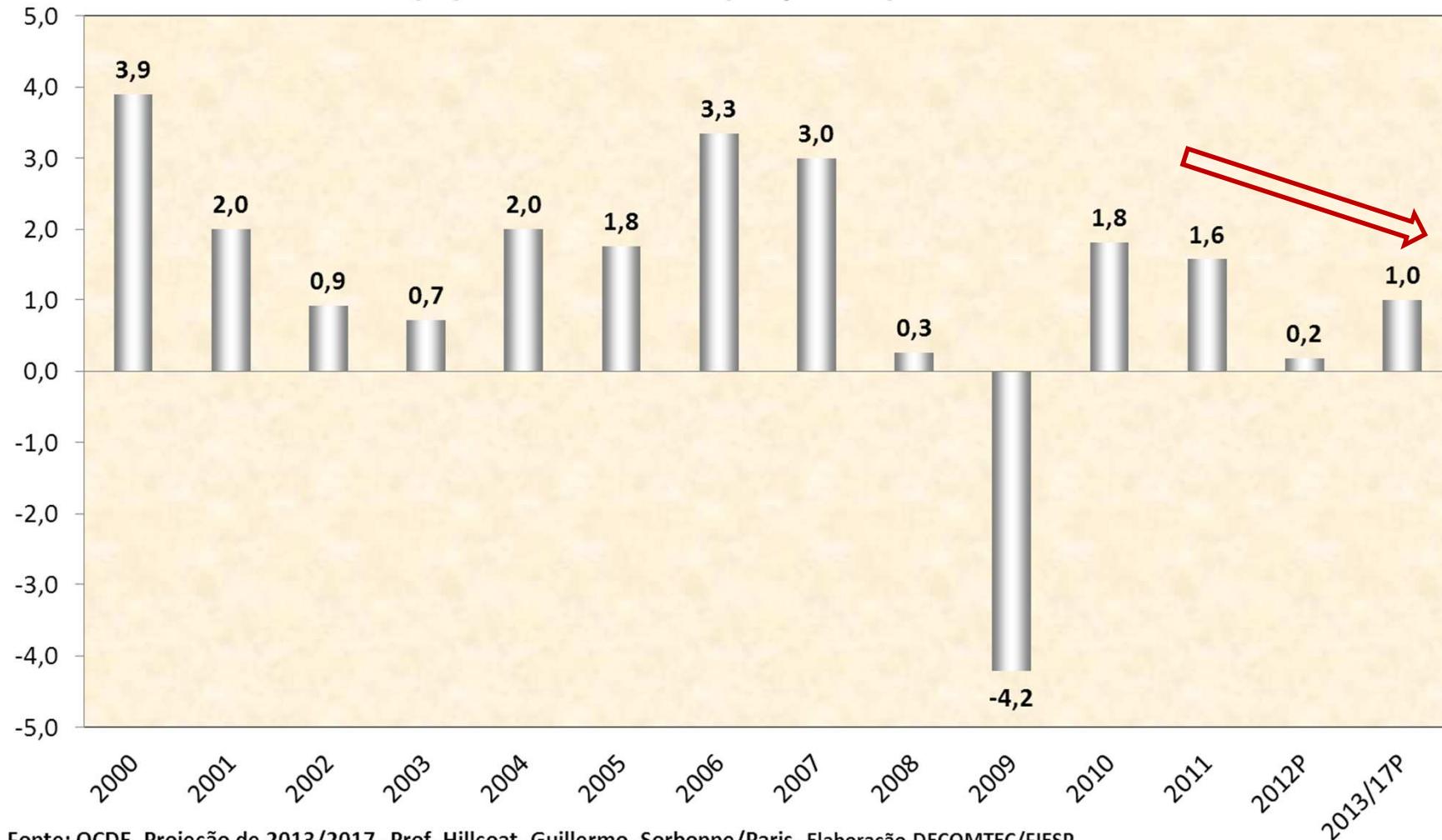
A adoção conjunta de políticas fiscais restritivas agrava a crise na Zona do Euro, podendo levar a um círculo vicioso recessivo.



Fonte: HILLCOAT, G. FIESP: São Paulo, 19/03/2012.

Nesse cenário, projeta-se baixo crescimento do PIB nos 15 países da Zona do Euro

Crescimento do PIB (%) - Zona do Euro (15 países)



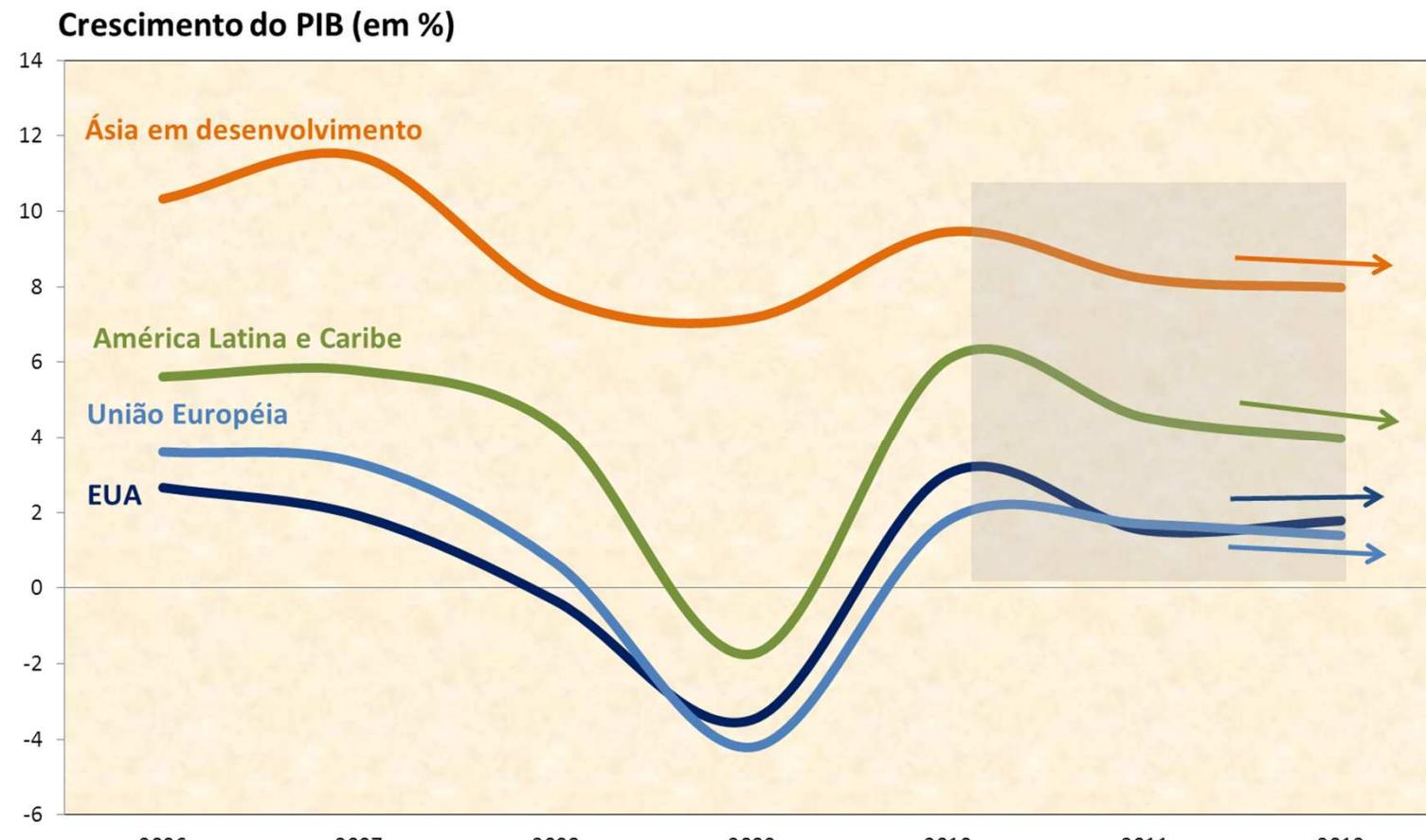
Fonte: OCDE. Projeção de 2013/2017 , Prof. Hillcoat, Guillermo. Sorbonne/Paris. Elaboração DECOMTEC/FIESP

O baixo crescimento nos EUA e Europa afeta os principais fluxos de comércio mundial, não apenas os fluxos entre essas regiões

Principais fluxos de comércio entre regiões do mundo



Nesse contexto, as perspectivas de crescimento econômico são afetadas negativamente no mundo



Fonte: WEO/IMF. Elaboração DECOMTEC/FIESP.

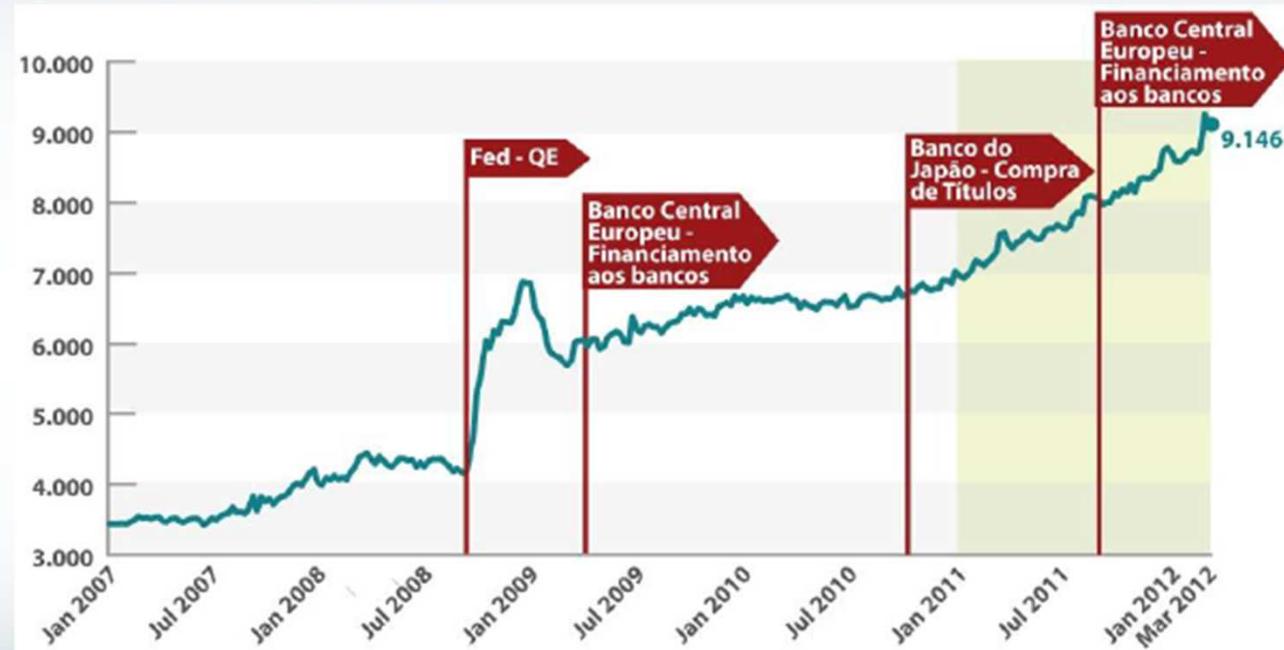
- 
- 1. A crise econômica dos países desenvolvidos e consequências para o crescimento mundial**
 - 2. Os efeitos da crise no Brasil e na América Latina**
 - 3. Ameaças à retomada no crescimento econômico brasileiro e na América Latina**

- A queda da demanda interna nos EUA e Europa e o comprometimento das exportações asiáticas para esses países criam excesso de oferta de bens manufaturados nas economias líderes;
- Visando ampliar as exportações para o resto do mundo, esses países praticam política monetária expansionista desvalorizando suas moedas.
- Além disso, o menor crescimento econômico dos países asiáticos coloca em risco o atual patamar de preços das commodities

O volume de dinheiro do "tsunami monetário" pode ser de mais US\$ 8,8 trilhões nos três anos de crise, quase 4 vezes o PIB do Brasil (OESP - 04/03/12)

Políticas monetárias dos países ricos provocam a desvalorização das suas moedas

Total dos ativos do FED, Banco Central Europeu, Banco do Japão e Banco da Inglaterra, em US\$ bilhões



Fonte: Bloomberg e Banco Central do Brasil

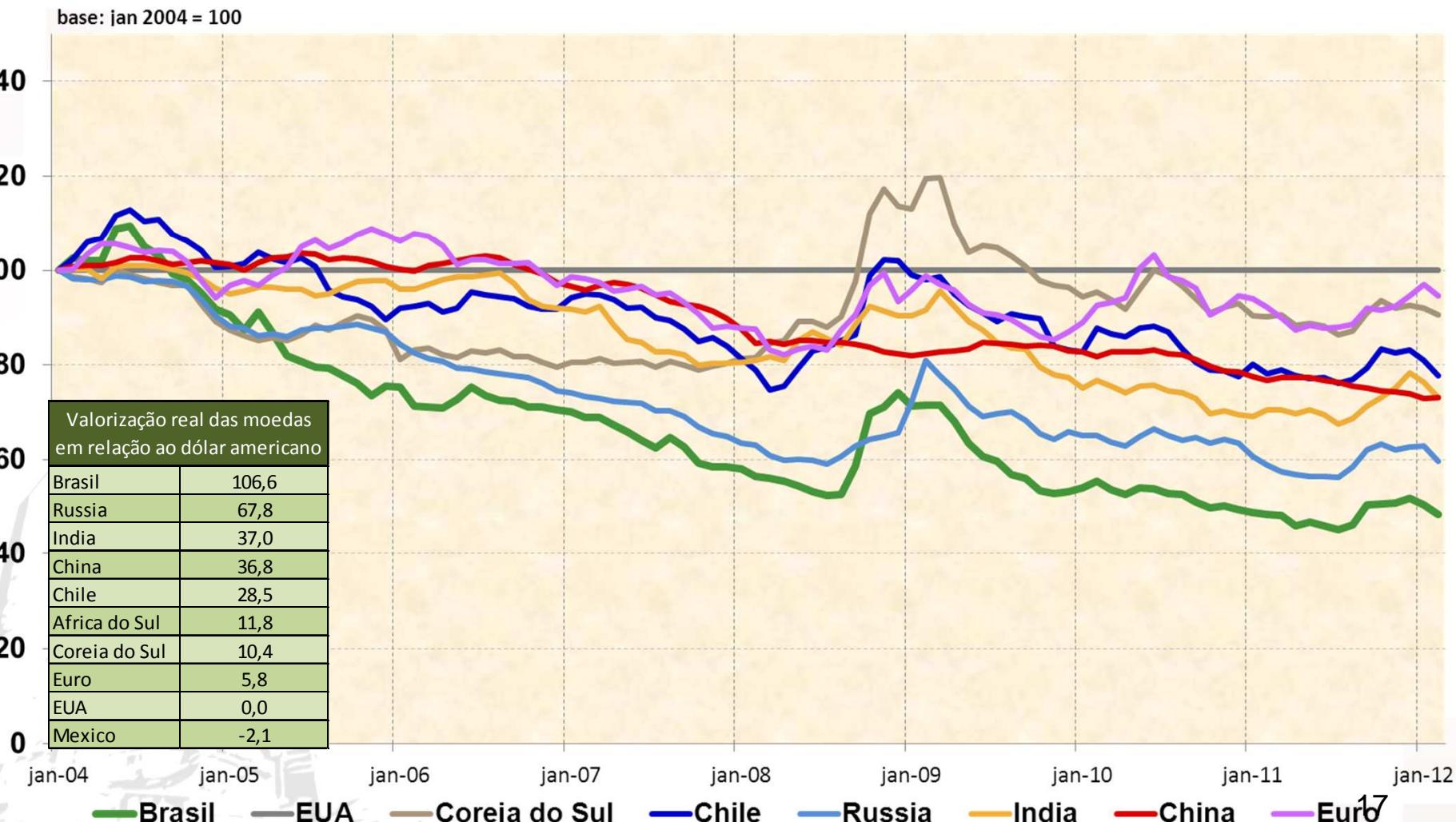
Elaboração: Banco Central do Brasil e Ministério da Fazenda

O excesso de liquidez não é absorvido totalmente nos países ricos, deslocando-se para economias que ofereçam taxas de juros reais mais elevadas

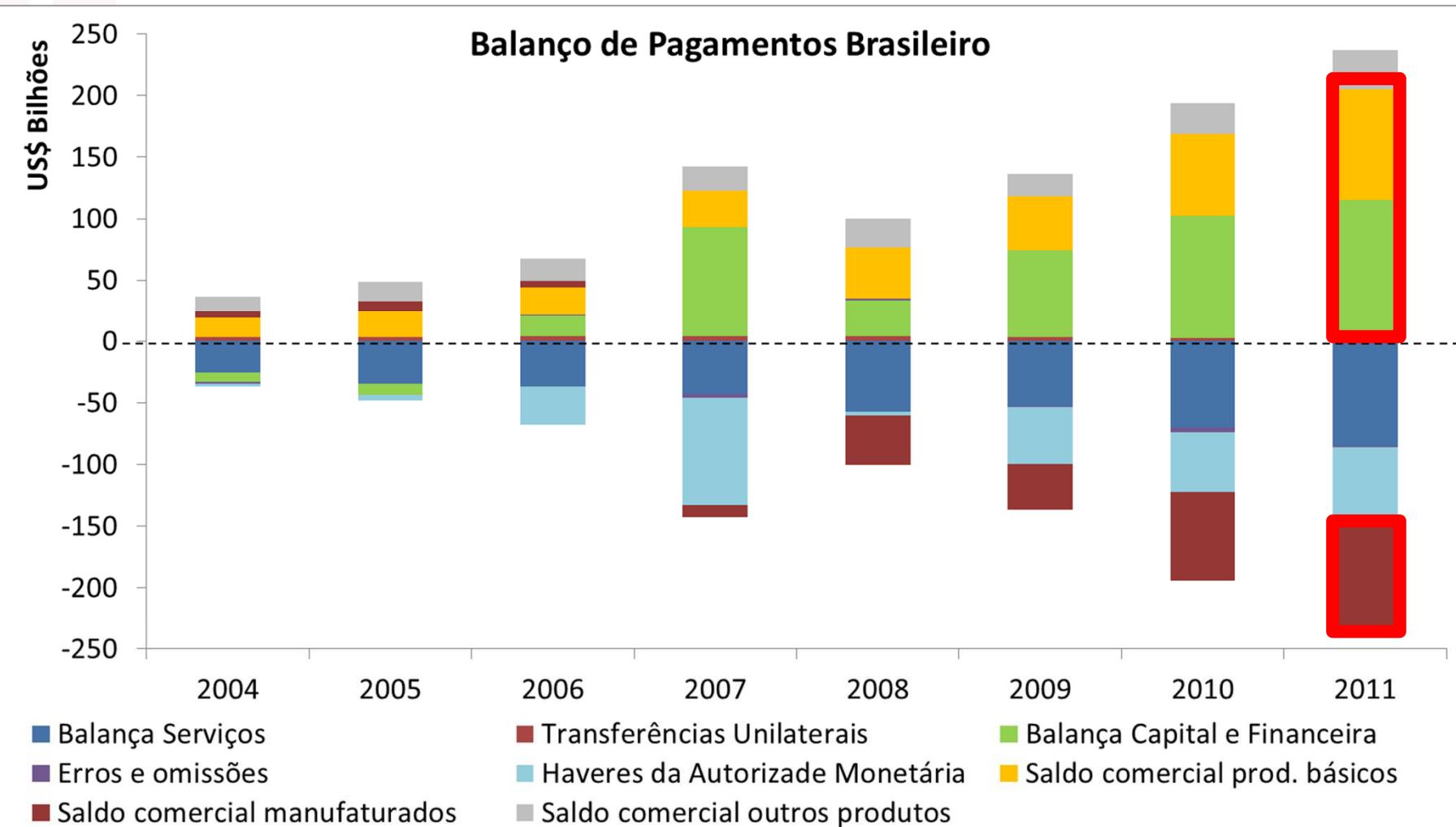


O Real, que já vinha se valorizando, ampliando o déficit de manufaturas, tende a apreciar-se ainda mais, caso medidas efetivas não sejam tomadas

Câmbio Real - Evolução em relação ao Dólar Americano - jan/2004 a fev/2012

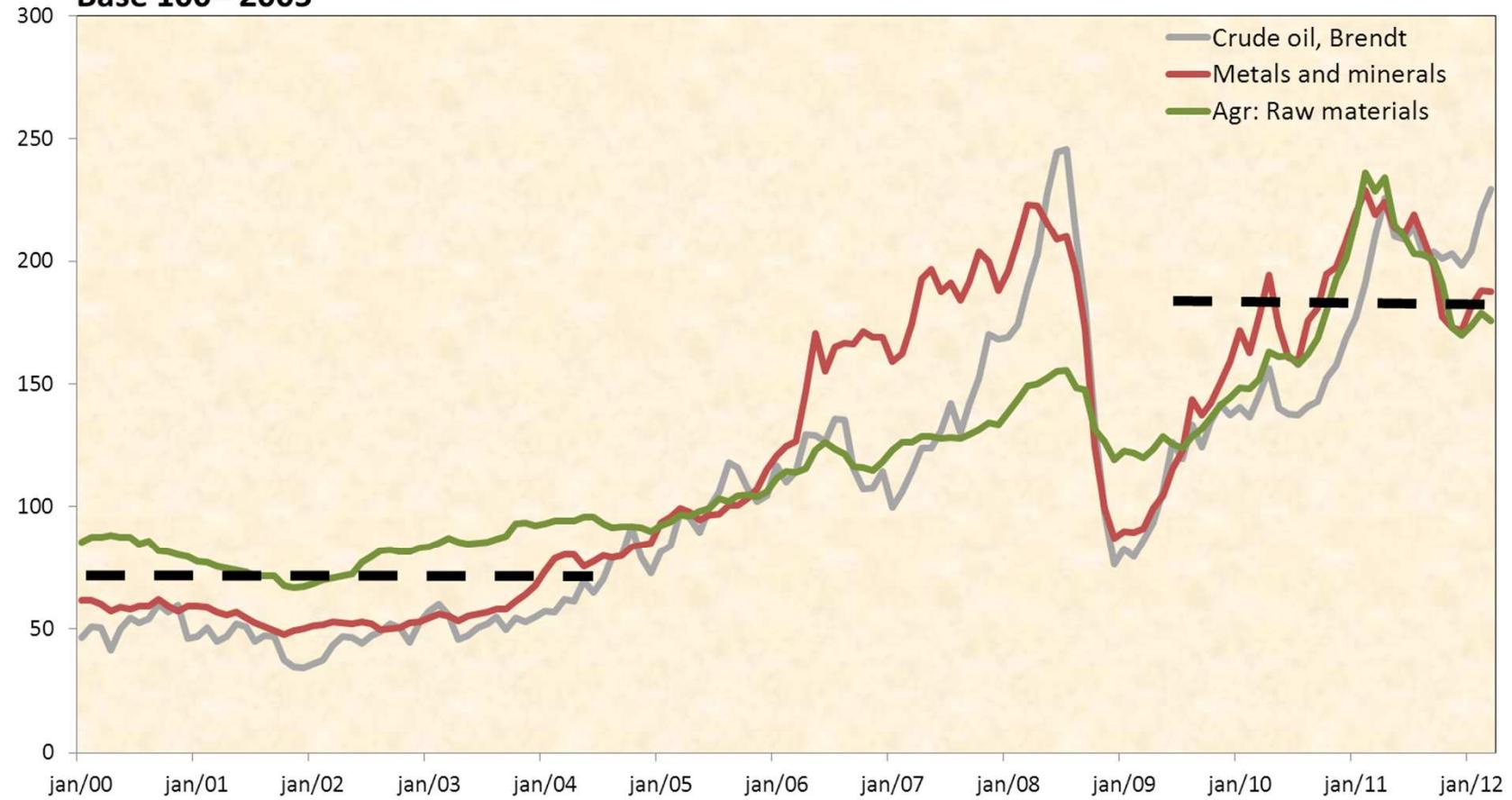


Há um risco no financiamento do déficit em manufaturas alicerçado em fluxos financeiros e exportação de produtos básicos, os quais são sujeitos a volatilidade



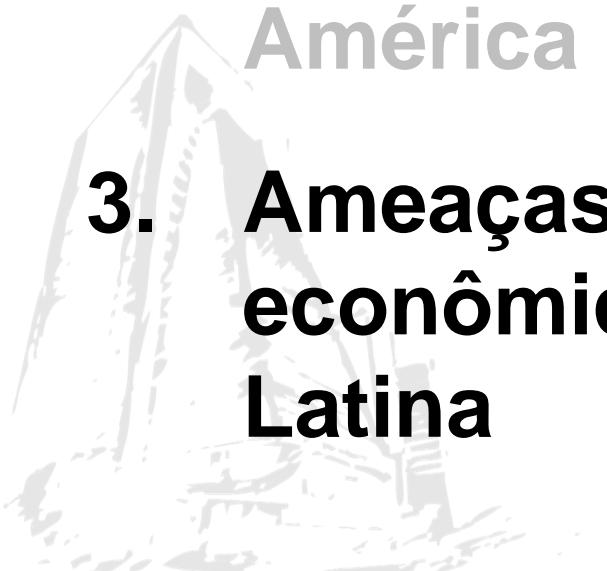
Por exemplo, as commodities, que tiveram expressivo aumento dos preços, estão com previsão de reversão

Preços das Commodities
Base 100 - 2005



Fonte: GEM/World Bank. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

- FMI prevê declínio nas cotações das commodities em 2012 e 2013 devido à desaceleração da atividade econômica mundial.
- China desacelera na importação de commodities.
- A queda dos preços e da quantidade de commodities exportadas poderão comprometer o resultado do comércio externo do Brasil.
- Somado a esse problema há o déficit de bens manufaturados.
- A dependência da entrada de capital internacional também se constitui em outro risco, desta vez no Balanço de Capitais.
- Há, deste modo, uma ameaça de Crise no Balanço de Pagamentos.

- 
1. A crise econômica dos países desenvolvidos e consequências para o crescimento mundial
 2. Os efeitos da crise no Brasil e na América Latina
 3. **Ameaças à retomada no crescimento econômico brasileiro e na América Latina**

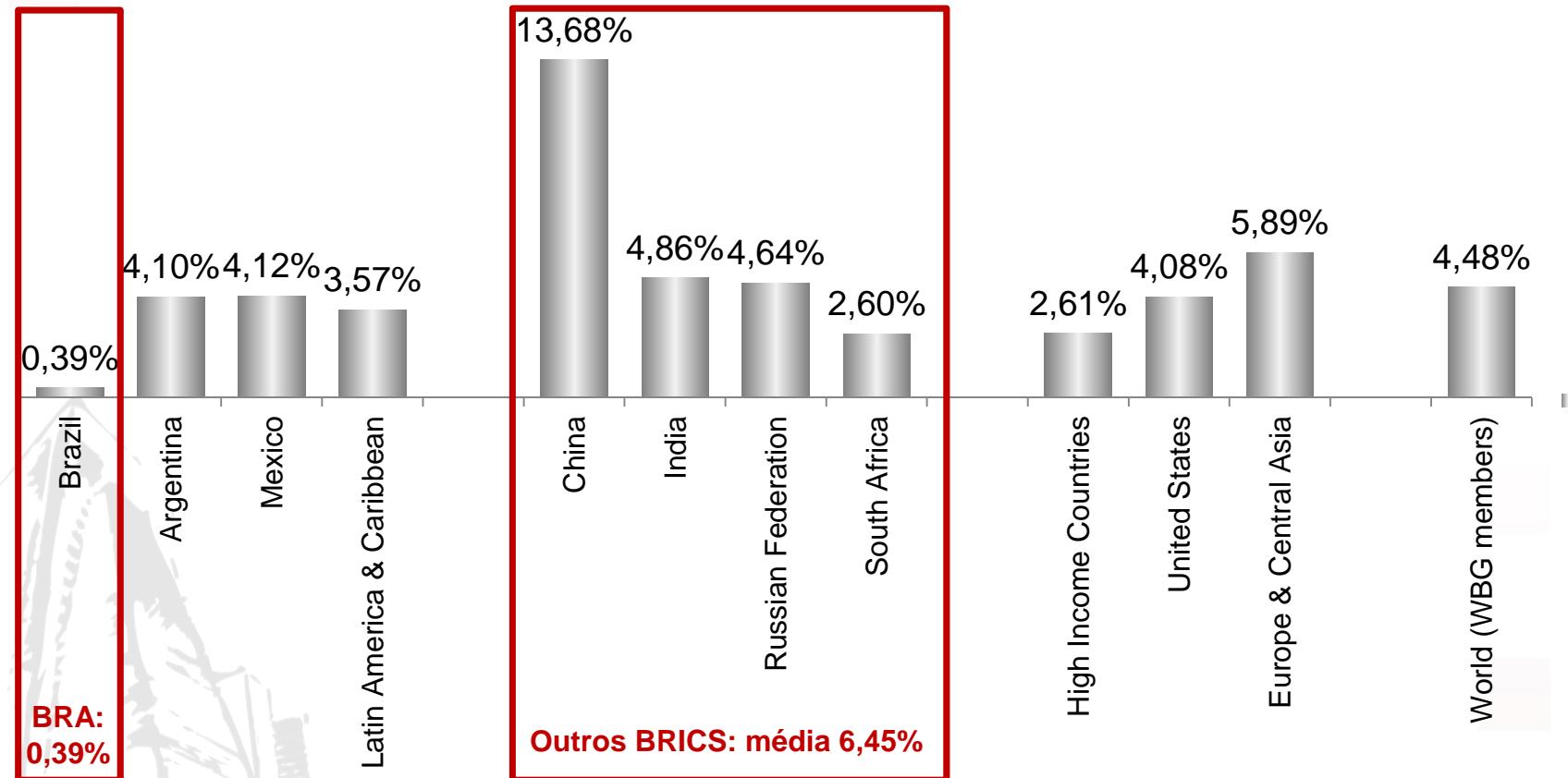
A indústria de transformação é o setor econômico que mais sofre os efeitos da crise no Brasil



- A crise econômica atual possui dois elementos diretamente relacionados com o mercado de bens manufaturados:
 - Existe ameaça concreta de agravamento do processo já em curso de substituição da produção industrial doméstica por importados
 - Os principais mercados das exportações brasileiras de manufaturados (isto é, a América Latina) também sofrem as mesmas ameaças

Como o país não tem uma política efetiva e permanente para a indústria, seu crescimento, que já vinha baixo, ficou ainda pior...

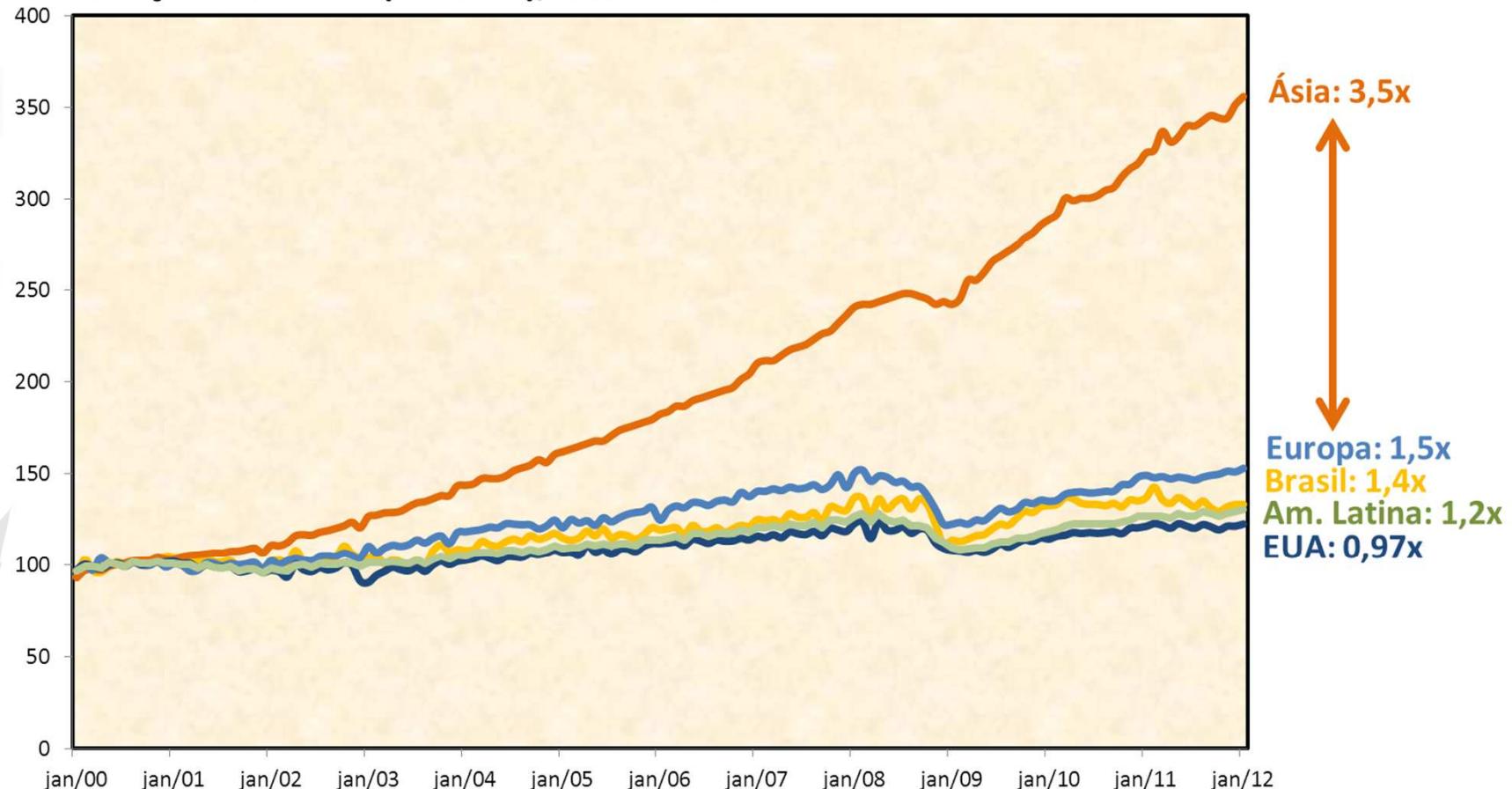
Crescimento industrial em 2011 - países e regiões selecionadas



Fonte: GEM/World Bank

Há mais de uma década o país tem baixo crescimento industrial, devido, em boa medida ao “custo Brasil” e outros fatores do ambiente de negócios, como a valorização cambial

Produção industrial (2000-12), US\$ const.



Fonte: GEM/World Bank . Elaboração: DECOMTEC/FIESP

O “Custo Brasil” restringe o crescimento da indústria de transformação e deve ter papel ainda mais importante no período de crise mundial



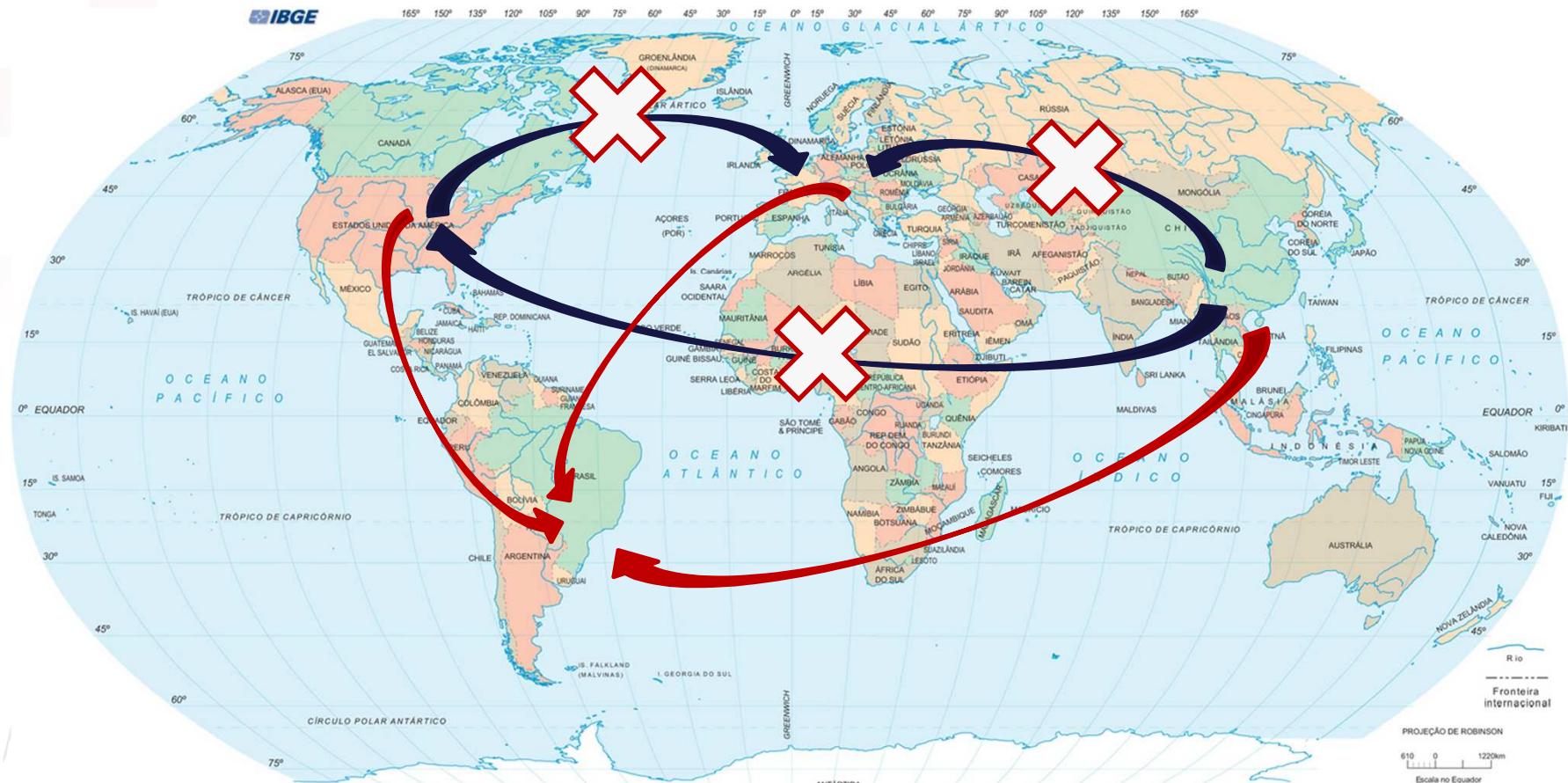
Principais fatores do “Custo Brasil”

- A indústria de transformação é o setor que mais contribui com a arrecadação dentre todos os setores (33,9% do total da carga em 2010), mas sua participação no PIB foi de 16,2%;
- A carga tributária da indústria de transformação é de 59,5% do seu PIB, representando 40,3% dos preços dos produtos industriais;
- Os custos da burocracia para pagar os tributos existentes no país representam R\$ 19,7 bilhões do faturamento da indústria de transformação. Considerando o carregamento na cadeia à montante, totaliza um custo anual de 2,6% do preço dos produtos industriais.
- Os produtos industriais são encarecidos em R\$ 17,1 bilhões pelos custos de um sistema logístico deficiente, que não faz jus aos tributos arrecadados pelo Estado. Considerando o carregamento de custo na cadeia à montante, as deficiências da infraestrutura logística representam 1,8% do preço desses produtos.

- Os juros básicos e spread bancário implicam em custo de R\$ 156 bilhões com financiamento para capital de giro da indústria de transformação. Considerando a cumulatividade na cadeia, 7,5% do preço dos produtos industriais na porta da fábrica se deve ao custo de capital de giro.
- Os encargos trabalhistas são muito elevados: representam 32,4% do total dos custos de mão de obra na indústria, valor mais alto dentre 34 países analisados pelo Departamento de Estatísticas do Trabalho dos EUA (Bureau of Labor Statistics – BLS)
- O Brasil tem uma das mais elevadas tarifas de energia elétrica do mundo. Por isso, o gasto com energia corresponde a 2,6% do custo total da indústria de transformação, sem considerar a cumulatividade do custo da energia na cadeia de valor, ou seja, o custo da energia nos insumos consumidos pela indústria.
- A guerra dos portos cria, por incentivos inconstitucionais, um diferencial de preço de 7% em favor do importado em relação ao produto nacional.

Os principais consumidores do mundo (Europa e EUA) não são mais mercados potenciais. O Brasil será alvo do excesso de oferta de manufaturados

FIESP
DECOMTEC

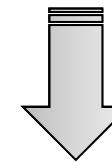


A expansão do consumo foi absorvida pelas importações, em especial da indústria de transformação

Variação do PIB (ótica da demanda) - 2011

Consumo das famílias	4,1%
Consumo da administração pública	1,9%
Formação bruta de capital fixo	4,7%
Exportação de bens e serviços	4,5%
Importação de bens e serviços (-)	9,7%
PIB (preços de mercado)	2,7%

Crescimento da demanda é absorvido pelas importações e, portanto, **não implica em crescimento do PIB**



Variação do PIB (ótica da oferta) - 2011

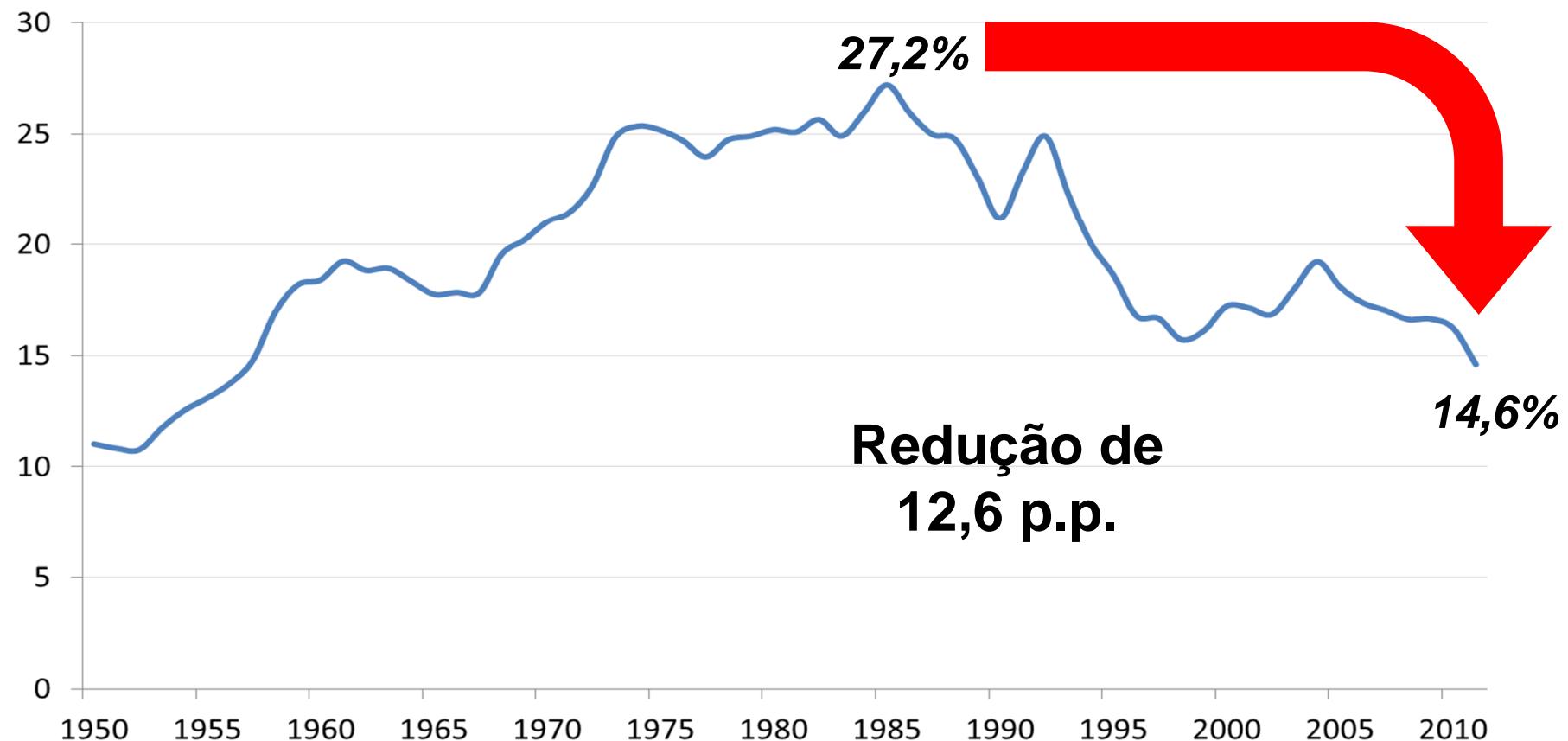
Agropecuária - total	3,9%
Extrativa mineral	3,2%
Transformação	0,1%
Construção civil e SIUP	3,6%
SIUP	3,8%
Serviços - total	2,7%
Valor adicionado (preços básicos)	2,5%

Tradables são os mais afetados. No caso brasileiro, os manufaturados, o que leva a um **baixo crescimento do PIB da indústria de transformação**

A indústria de transformação representava cerca de 27% do PIB em meados da década de 1980. Em 2011, essa participação caiu para 14,6%.

FIESP
DECOMTEC

PIB da ind. transformação (% do PIB)



A indústria de transformação possui importantes características, que tornam seu crescimento importante para o desenvolvimento econômico



Multiplicadora da demanda doméstica

A indústria de transformação é capaz de atender à crescente demanda doméstica por bens manufaturados com produção local, potencializando o efeito do emprego e renda dentro do país

Exportadora

Os produtos da indústria são *tradables*, o que possibilita aos países emergentes alavancar a demanda externa para promover crescimento econômico acelerado

Desenvolvedora de capital humano

A indústria de transformação emprega com melhor qualidade, paga salários mais altos e investe mais em qualificação

Mais produtiva

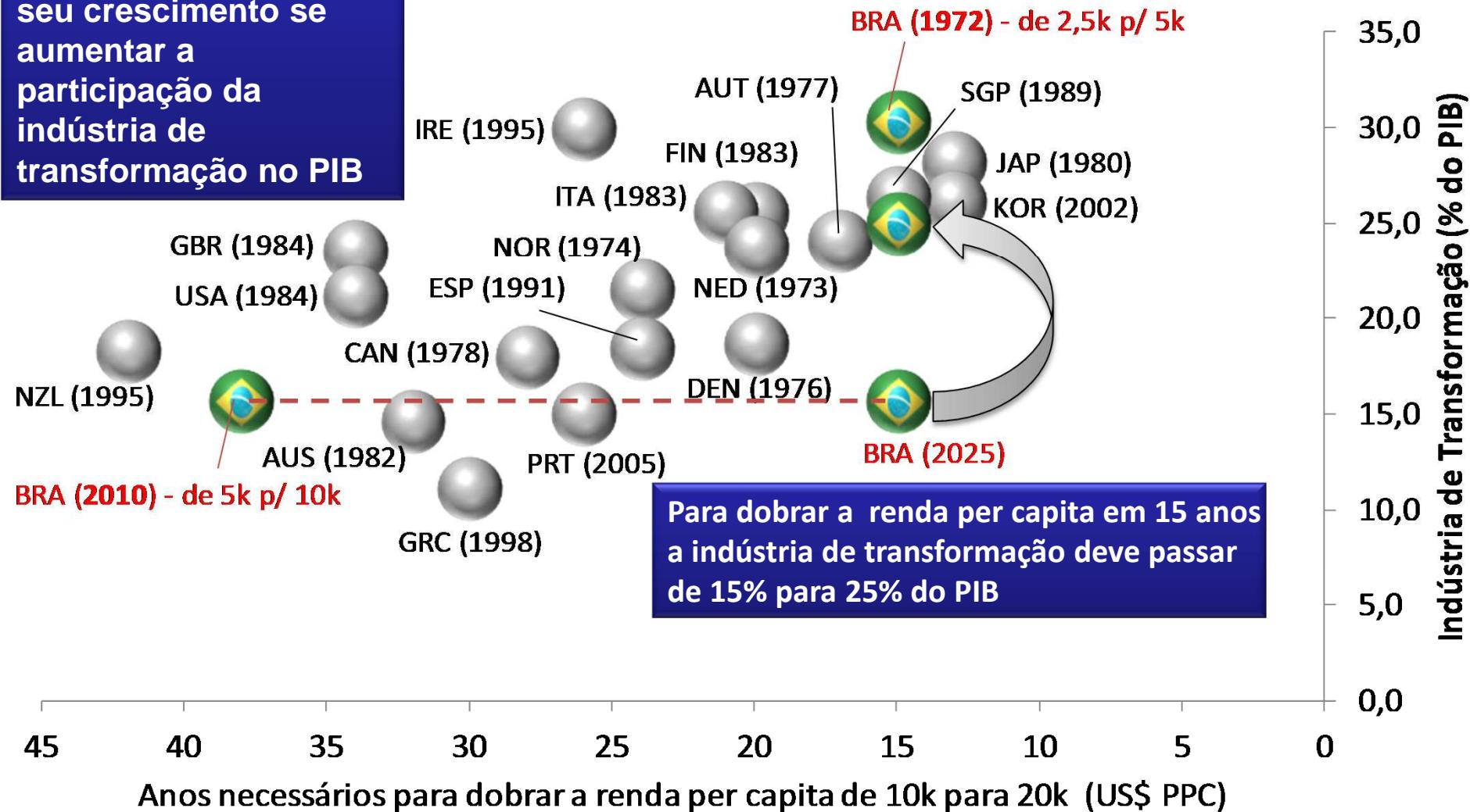
A indústria de transformação agrega maior valor por trabalhador, sobretudo em economias emergentes

Difusora de inovações tecnológicas

A indústria de transformação é a principal originadora e difusora de inovações tecnológicas, que garantem saltos de produtividade para a economia como um todo

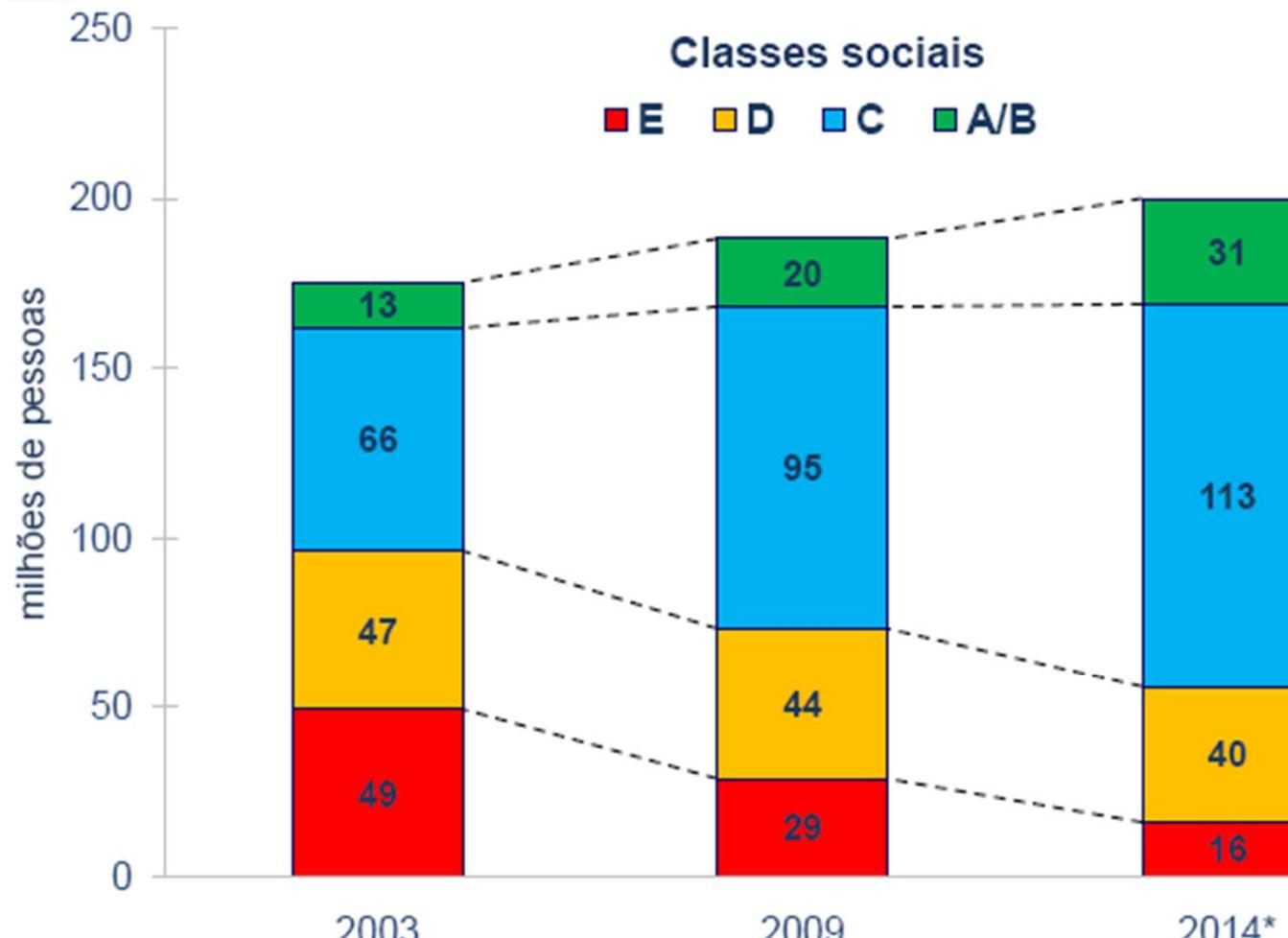
Esse papel é comprovado pela experiência dos países: os que têm maior participação da indústria no PIB levaram menos tempo para dobrar o PIB per capita

O Brasil pode acelerar seu crescimento se aumentar a participação da indústria de transformação no PIB



A expansão das classes C, B e A nos últimos anos deve continuar. O país vem atravessando um momento bastante positivo em termos da redução da desigualdade e aumento da renda

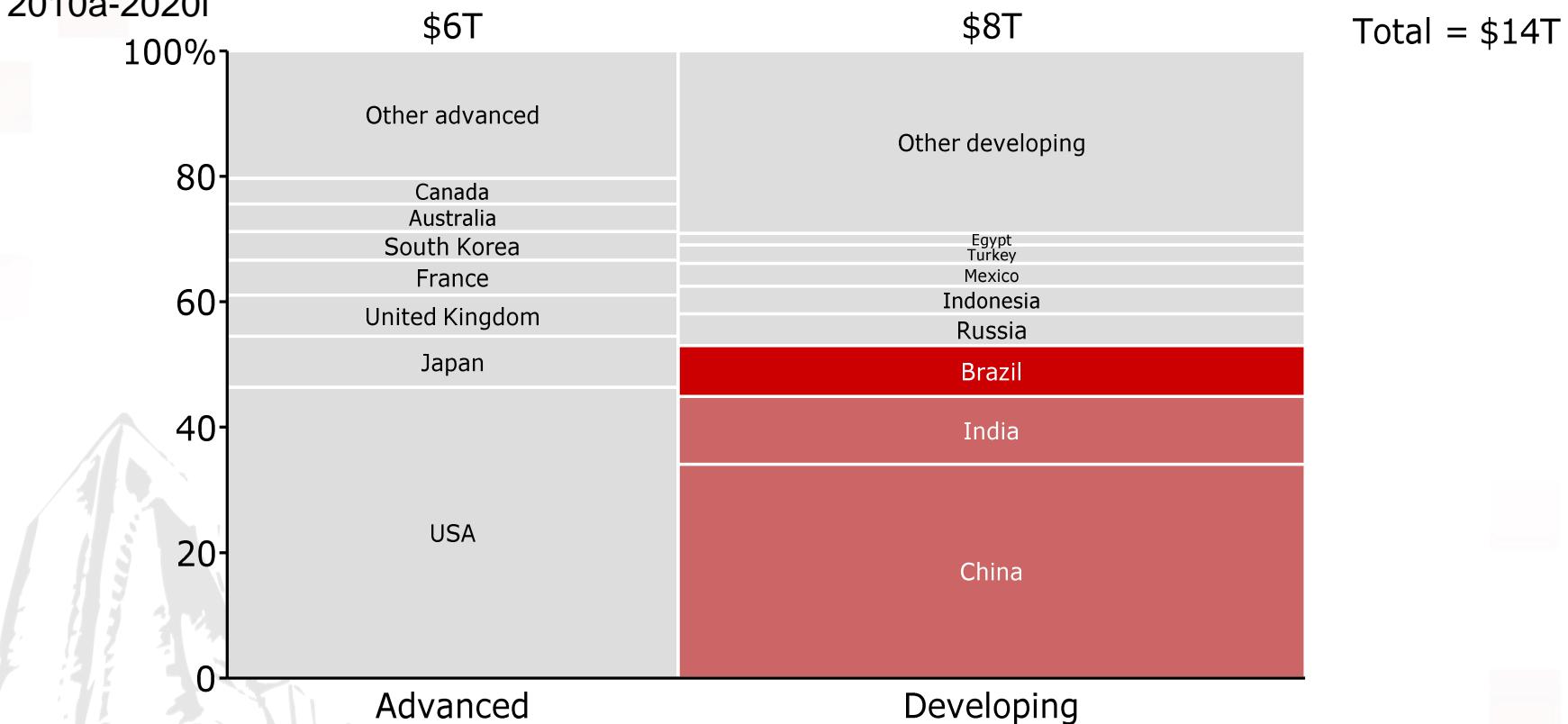
Mobilidade Social



...se tornando um centro de consumo de magnitude global

FIESP
DECOMTEC

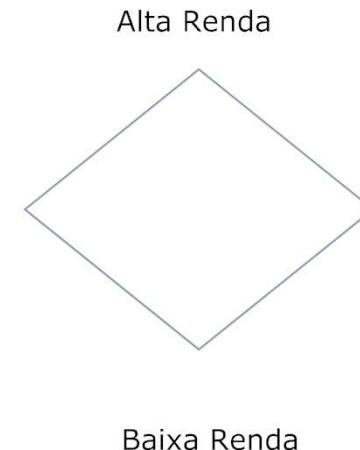
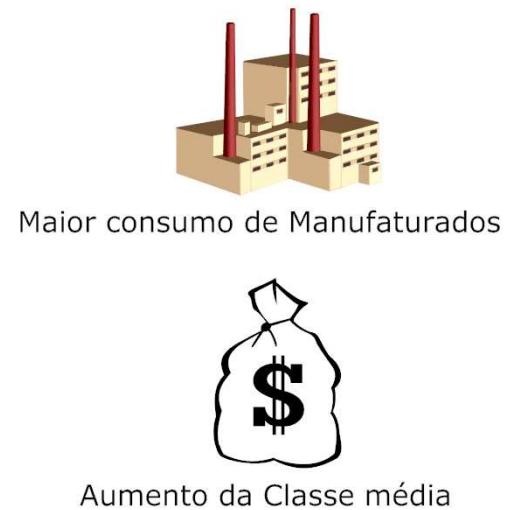
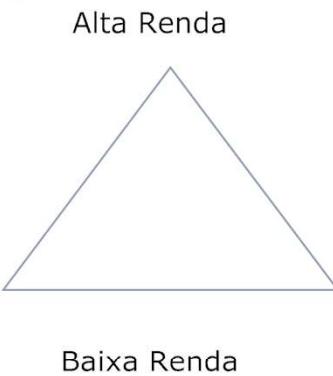
Share of the growth in total final consumption between 2010a-2020f



Note: 2010 USD price level at fixed exchange rates
Source: Euromonitor; Bain MTG Analysis, 2011

Mas sem indústria, quem vai atender o crescimento da demanda brasileira?

FIESP
DECOMTEC



Como ser mais competitivo na produção para atender essa crescente demanda por produtos manufaturados e para gerar os empregos necessários à continuidade do crescimento?



I - Medidas macroeconômicas

- Criar mecanismos permanentes e efetivos para reconduzir a taxa de câmbio a um nível que favoreça a produção
- Redução da taxa básica de juros
- Redução do spread bancário

II- Medidas para alçar o investimento produtivo a promotor do crescimento econômico

- Desoneração integral do investimento produtivo de todos os tributos federais e estaduais
- Disponibilização de linhas de financiamento com volume adequado e custos isonômicos aos concorrentes internacionais;
- Perenização do PSI
- Incentivos a linhas de financiamento de longo prazo pelo setor bancário público e privado, utilizando o compulsório não remunerado e outras medidas regulatórias

III- Medidas para readensamento de cadeias

- Utilização das compras governamentais, inclusive da Petrobras, como indutoras da produção nacional, da agregação de valor e da geração de emprego e renda, com aplicação de margens de preferência para todos os setores industriais em percentuais que efetivamente incentivem a produção nacional
- Conteúdo local mínimo efetivo em todas as compras governamentais e privadas quando beneficiadas por financiamento público e/ou incentivos fiscais, e em setores estratégicos

IV- Medidas tributárias

- Guerra dos portos: aprovação do PRS 72, com definição na própria resolução do conceito de industrialização, e alíquota residual de 4% na origem
- Desoneração da Folha de pagamento do PBM: reduzir alíquota da contribuição sobre faturamento, obtendo-se desoneração e não apenas troca de base de tributação. Excluir da base de incidência os impostos e contribuições sobre vendas, eliminando tributação em cascata
- Regimes tributários especiais: Fim dos incentivos concedidos às importações

V- Inovação tecnológica

- Extensão dos incentivos fiscais a todas as empresas, independente do regime de tributação (simples, lucro presumido e lucro real) da indústria de transformação, e oferta de financiamento com volume adequado e custos competitivos internacionalmente

VI- Metas de crescimento industrial

- Metas anuais de crescimento da produção física, da taxa de investimento e do nível de emprego na indústria de transformação devem ser objetivo prioritário da política econômica



OBRIGADO

José Ricardo Roriz Coelho
(Diretor titular do DECOMTEC/FIESP)

